

Ágora Cognopolita: Proposta de Resgate da Convivialidade e Democracia Atenienses

Cognopolitan Agora: Proposal for Redeeming Athenian Conviviality and Democracy

Ágora Cognopolita: Propuesta de Rescate en la Convivialidad y Democracia Atenienses

Alexandre Balthazar*

* Mestre em Urbanismo. Voluntário da Associação Internacional de Inversão Existencial (ASSINVÉXIS).
reurbanize@gmail.com

Texto recebido para publicação em 01.05.2011.

Palavras-chave

Cognópolis
Estado Mundial
Organização geopolítica
Política ateniense

Keywords

Athenian politics
Cognopolis
Geopolitic organization
World State

Palabras-clave

Cognópolis
Estado Mundial
Organización geopolítica
Política ateniense

Resumo:

Na atual sociedade contemporânea, o crescente individualismo consumista está levando o planeta a uma exaustão ambiental capaz de inviabilizar a sobrevivência humana. Para equacionar a conta ambiental faz-se necessário a criação de novas células de sustentabilidade para, pouco a pouco, mudar a cultura individualista para uma cultura mais coletivista e participativa, com responsabilidade perante as futuras gerações. O trabalho em questão propõe, de maneira bastante pragmática, que se implantem ágoras-sementes de incentivo à vivência da grupalidade avançada para promover esta mudança cultural, alicerçando-se em valores cosmoéticos, universalistas e interassistenciais, tendo na ciência Conscienciologia o protagonismo e ideário para este fazer. O palco desta proposta, a *Cognópolis* Foz, com sua geopolítica baseada em suas 20 instituições conscienciocêntricas, pode ser considerada, desta forma, uma célula do pretense Estado Mundial.

Abstract:

In today's contemporary society, the growing consumerist individualism is leading the planet to an environmental exhaustion that can derail human survival. To address the environmental account it is necessary to create new sustainability units to, little by little, replace the individualistic culture with a more collectivist and participatory culture, with responsibility for future generations. The present work proposes, quite pragmatically, that encouragement seed-agoras be implemented for the experience of advanced groupality to promote this cultural shift, based on cosmoethical, universalist and interassistance values, with the support of the conscientiology science and ideas for this action. The stage of this proposal, Cognópolis Foz, with its geopolitics based on its 20 conscientiocentric institutions, can be considered, therefore, a unit of the alleged World State.

Resumen:

En la actual sociedad contemporánea, el creciente individualismo consumista está llevando el planeta a un agotamiento ambiental capaz de inviabilizar la sobrevivencia humana. Para ecuacionar la cuenta ambiental es necesaria la creación de nuevas células de sustentabilidad para, poco a poco, cambiar la cultura individualista para una cultura más colectivista y participativa, con responsabilidad ante las futuras generaciones. El trabajo en cuestión propone, de manera bastante pragmática, que se implanten ágoras-semientes de incentivo a la vivencia de la grupalidad avanzada para promover este Cambio cultural, cimentándose en valores cosmoéticos, universalistas e interasistenciales, teniendo en la ciencia Conscienciología el protagonismo e ideario para este hacer. El palco de esta propuesta, la *Cognópolis* Foz, con su geopolítica basada en sus 20 instituciones conscienciocéntricas, puede ser considerada, de esta forma, una célula del pretendido Estado Mundial.

INTRODUÇÃO

A neociência Conscienciologia adentra o século XXI expandindo suas atividades em um planeta ameaçado por um estilo de vida predatório. O ano de 2012 é o ano da conferência Rio+20, onde os países buscarão consensos para modificar o atual ritmo de degradação ambiental global. Desde a primeira conferência da ONU para discutir questões ambientais em Estocolmo, Suécia, em 1972, os países têm discutido em conferências e painéis intergovernamentais, o que pode ser feito para que as futuras gerações também possam usufruir de condições de sobrevivência neste planeta. Porém, pouco tem sido feito no sentido de questionar o padrão ou o estilo de vida individualista e consumista que praticamente todos os países e cidadãos almejam, por isso “a conta não fecha”.

O processo de evolução da consciência requer um palco ou dimensão física para acontecer. Neste sentido, a razão de ser de uma ciência proposta para estudar a evolução da consciência não pode ser meramente um meio para que indivíduos atinjam seus objetivos pessoais. Parece lógico que esta evolução da consciência, ao ser estudada em grupo, passe também por soluções práticas, pragmáticas, que deixem um legado mais físico ao planeta, além da reurbanização multidimensional característica da interassistencialidade. Os pesquisadores da Conscienciologia não podem passar incólumes por um “mundo em chamas” sem apresentar uma saída ou solução pragmática.

O objetivo deste trabalho é apresentar a organização geopolítica da Ciência Conscienciologia, que adentra o século presente organizando-se em novas Cognópolis, como sendo uma alternativa de estudo para o pretense Estado Mundial. Tal Estado Mundial se apresenta como realidade utópica para os dias atuais, porém como realidade pragmática em pequenos “balões de ensaio”. Ao que tudo indica, não existirá um Estado Mundial enquanto não houver uma unidade ou coesão entre as diferentes culturas. O convívio com o pensamento diferente alicerçado por objetivos comuns, tendo como pano de fundo a democracia direta, pode ser vivenciado na Cognópolis Foz como um projeto piloto.

Alguns pré-requisitos para a formação de um Estado Mundial parecem ter se perdido ao longo da história. O espírito de coletividade de que a sociedade atual está carente e que parece ser a principal saída para a crise ambiental global, era a essência da cidade-estado grega. Não por acaso que justamente na Grécia surge a democracia direta. Assim como Hipácia de Alexandria (Séc. V a.e.c) descobre as órbitas elípticas e, depois de um atraso de mais de mil anos provocado pelo cristianismo, Kepler (Séc. XVII) comprova as ideias de Hipácia, o espírito de coletividade e a democracia direta aguardam sair do *coma* há mais de 2.500 anos, quiçá a tempo de reverter a caótica questão ambiental global.

Esta pesquisa é fruto da análise participativa do desenvolvimento da ciência Conscienciologia ao longo de aproximadamente 20 anos, quando este autor inicia seu trabalho como voluntário no IIPC, participa da fundação do CEAEC em Foz do Iguaçu e da ARACÊ – atual Cognópolis Pedra Azul, atua como gestor do Polo *Discernimentum* no período 2009–2011 até o início do voluntariado na instituição Assinvéxis, que está iniciando a instalação de seu *Campus* de pesquisa na Cognópolis Foz.

Ao longo deste período, foram criadas as 20 instituições da Conscienciologia e centenas de unidades ou filiais foram abertas ao redor do globo. Neste contexto, observou-se o incremento do número de voluntários, das especialidades da Conscienciologia, o início dos trabalhos da Enciclopédia da Conscienciologia, o aumento do número de autores e verbetógrafos e, principalmente aqui ressaltada, a complexidade criada nesta expansão ao estruturar sua organização na formação de diversas Cognópolis. Este incremento da expansão da Conscienciologia fez com que as diversas instituições se reunissem, por afinidade ao seu *materpensene*,

dezenas ou até centenas de voluntários. No momento em que essas ICs passam a instalar *campi* de pesquisa, a organização institucional passa a ser territorial ou geopolítica.

A atual Cognópolis Foz apresenta semelhanças com o pretense Estado Mundial a serem exploradas neste trabalho e tem, em sua proposta de resgate da Ágora Cognopolita, da convivialidade e democracia atenienses, a intenção de plantar a semente do Estado Mundial: cosmopolita, universalista e maxifraterno.

1. CONTEMPORANEIDADE E INDIVIDUALISMO: O PLANETA EM EXAUSTÃO

Há um consenso entre os pesquisadores da Pegada Ecológica¹ em relação à capacidade de suporte do planeta ao nível de desenvolvimento global atualmente: o planeta não possui recursos para suportar por muito tempo o nível de consumo atual. A sociedade global apresenta um nível crescente de padrão de consumo com países, a exemplo do Brasil, eliminando a faixa de miséria e, a cada dia, novas pessoas saem da faixa de pobreza para a classe média e ocorre o surgimento de milhares de novos ricos. A China Comunista, no papel de motor da globalização neoliberal, paradoxalmente, passa a representar uma ameaça planetária quando seu 1,33 bilhão de habitantes passa a ter poder aquisitivo para consumir da mesma forma que os cidadãos do primeiro mundo.

A reflexão a respeito do padrão de desenvolvimento almejado pelas nações é talvez a prioridade número um de qualquer pessoa com razoável nível de lucidez e discernimento, pois a humanidade e suas respectivas ideologias precisam de um *palco* a discussão e implantação de uma política comum de sustentabilidade. Sem planeta autossustentável não há vida humana, sem vida humana não há porque haver ideologias. Desta forma, é condição *sine qua non* fazer algumas considerações a este respeito.

Entre as discussões necessárias, é importante considerar a distribuição de renda. Parece ser uma grande hipocrisia ou ingenuidade a defesa de uma distribuição de renda para que todos possam ter igual nível de acesso aos bens de consumo. Se o planeta já não suporta o nível de consumo atual, o que dizer se todos os habitantes do planeta consumirem de forma equânime? Esta insustentabilidade pode ser provada em números através das calculadoras (*Ecological Footprints*) da Pegada Ecológica. Segundo a WWF-Brasil (2011), 1.8 hectare é a média de área disponível por pessoa no planeta (considerando 6 bilhões de habitantes), de modo a garantir a sustentabilidade da vida na Terra para todos os habitantes. Isto equivale a uma área pouco menor do que dois campos de futebol. Entretanto, desde 1999, a média de consumo por pessoa no mundo é de 2.2 hectares, cerca de 25% a mais do que o planeta pode suportar. Aqui reside a insustentabilidade do atual modelo de vida de nossa sociedade. Considerando um estoque de recursos finito e um modelo de desenvolvimento ilimitado, vê-se que a *conta não fecha*.

Fromm no livro *Ser ou Ter* (1976), faz uma análise do quanto nossa sociedade prioriza e valoriza o Ter em contraposição ao Ser, no qual “os indivíduos passam a se reconhecer em suas mercadorias, a encontrar alma em seu automóvel e nos objetos que os cercam”, ou seja, atribuem valor aos objetos como se os mesmos tivessem vida própria. O automóvel particular é o maior sonho de consumo do cidadão global. É impressionante o volume de recursos gastos com publicidade de novos lançamentos em horário nobre da televisão. Ter um bom carro é sinônimo de autorrealização, de um *status* almejado. Em todas as classes sociais o nível de sucesso pessoal pode ser medido pelo automóvel. Tanto para quem conseguiu deixar a bicicleta para adquirir o primeiro carro quanto para quem já pode comprar um automóvel importado.

Um questionamento importante relacionado aos valores poderia ser: quem abre mão de sonhos materiais pelo planeta? É por este motivo que esta crítica oportuna e realista não aparece na mídia do cotidiano em nossa sociedade, a qual por outro lado alimenta este modelo falido.

A reflexão sugerida deve ser profunda, alcançando a raiz de uma cultura antropocêntrica que prioriza os desejos e direitos individuais em contraposição à coletividade. Conforme pontua Guimarães (2003), “*A disponibilidade limitada de matérias primas, a velocidade de reprodução dos recursos renováveis e a capacidade de absorver os detritos do sistema industrial são insuficientes para acompanhar, por um longo tempo, o ritmo de crescimento acelerado*”. Tal realidade apresentada perpetua o binômio produção-consumo e, quando parece discutir a sustentabilidade, fica na superfície do problema, gerando soluções pseudoecológicas que não questionam o problema em sua forma estrutural.

A insustentabilidade do atual modelo de desenvolvimento também pode ser comprovada na materialização de sua espacialidade. A proliferação de condomínios fechados acaba por criar vazios urbanos, tendendo a eliminar o comércio vicinal e, conseqüentemente, eliminando a vida nas ruas. Como salienta Jacobs (2001), em seu clássico *Morte e Vida de Grandes Cidades*, são as múltiplas funções de uma rua que diminuem a violência urbana. São os “olhos” de seus usuários que coíbem o crime. Nossas cidades têm suas ruas transformadas em canais de circulação de automóveis – o grande *sonho de consumo* – para saírem de um condomínio fechado em direção a um *shopping* (outra negação da vida urbana), ou para o clube, outro espaço fechado, ou ainda para um estádio, parque temático, centro empresarial ou outro espaço monitorado, vigiado e com uma vida urbana artificial. Andar a pé em determinadas ruas é perigoso e deve ser evitado.

Não é objetivo deste trabalho abordar o surgimento e fortalecimento do individualismo em nossa sociedade global dita democrática, mas sim o de trazer à tona uma importante questão: como resgatar o espírito de coletividade da Grécia democrática para a contemporaneidade? Um referencial já experimentado no passado, de forte pensamento coletivo, poderia fazer contraponto ao individualismo dominante na atualidade, mas preservando e fortalecendo a individualidade? O surgimento de células de sustentabilidade – como pequenas comunidades sustentáveis – poderiam a longo prazo promover um efeito halo global?

2. A CÉLULA DO ESTADO MUNDIAL

Ao que tudo indica, a vivência do Estado Mundial seria um novo patamar do planeta Terra em relação à vivência prática da cosmoética e do universalismo. Um mundo com único governo e sem fronteiras entre os países, onde cidadãos teriam o direito de ir e vir por todo o globo; onde o principal valor seria o conhecimento, o interesse na evolução do planeta sobrepairando interesses pontuais, mas isto pode estar longe de acontecer. Porém, coloca-se neste momento o *plantio da semente* do Estado Mundial como algo factível, para o aqui e agora.

O professor Waldo Vieira (2010), apresenta o verbete *Proto-Estado Mundial* na Enciclopédia da Conscienciologia, fazendo uma analogia da Cognópolis como sendo esta célula já em funcionamento. Seria uma pretensão tal possibilidade?

Eis, em ordem lógica, 9 argumentos para justificar a relação da Cognópolis com o Estado Mundial:

1. Ao que tudo indica, a criação do Estado Mundial em nossa sociedade convencional tem se apresentado, até o momento, através da criação de blocos econômicos, ou seja, com motivação meramente comercial. O grande entrave tem sido a diversidade cultural, o ressurgimento de partidos e grupos nacionalistas e xenófobos. O modelo de desenvolvimento hegemônico, como abordado anteriormente, é insustentável, está exaurido e alguns especialistas o colocam como um “paciente na UTI”. Sendo assim, é pouco provável que o Estado Mundial parta de um modelo em exaustão. Parece ser mais coerente que a criação do Estado Mundial apareça através de células espalhadas pelo globo, aos moldes de *balões de ensaio* com testes exitosos

e replicáveis em maior escala apresentando soluções de sustentabilidade real e também para a convivência pacífica com o pensamento diferente.

2. É a primeira vez na história do planeta que uma ciência aberta é proposta para estudar o processo de evolução da consciência com um novo e abrangente paradigma. A Conscienciologia é mais assertiva quanto às perguntas clássicas da Filosofia: quem sou, o que sou, de onde vim, para onde vou e o que estou fazendo aqui. Ela oferece, além de um paradigma, ferramental, infraestrutura e corpo de pesquisadores aptos ao debate e ao omniquestionamento. Isto faz da Cognópolis um ambiente com tendência de crescimento máximo, semente promissora em um planeta de ideologias e sectarismos medievais tendentes, no longo prazo, a desaparecerem.

3. A estruturação da Cognópolis se dá pelo fortalecimento das diversas especialidades da Conscienciologia através do trabalho voluntário em diferentes instituições. O interesse econômico – tal qual “cola” que une países dos grandes blocos atuais (CEE, MERCOSUL, NAFTA entre outros) – é meio para o desenvolvimento da ciência Conscienciologia, não um fim em si, como é hoje nestes países. Desta forma, a Cognópolis pode ser um exemplo onde a economia é meio para se chegar a um objetivo comum maior.

4. Os voluntários da Conscienciologia unem-se pelos objetivos de suas programações existenciais, que têm em suas instituições, também um meio para tal. Institucionalizar não é um fim, mas uma ferramenta para o fortalecimento da ciência. Aqui a *marca* ou *bandeira* de um grupo ou território fica em segundo plano, a prioridade *soberana* é a interassistencialidade.

5. O poder ou mando institucional é diluído no Conselho dos 500 e a gestão é compartilhada, sendo exercida de modo alternado por diversos líderes. O Conselho dos 500 da Cognópolis Foz – reedição revisada da democracia grega – existente há pouco mais de um ano, está criando as bases cosmoéticas da Politicologia avançada.

6. A complexidade e riqueza de variáveis para serem estudadas em uma Cognópolis formam uma protoestrutura similar ao pretense Estado Mundial. A Cognópolis Foz é uma “colcha de retalhos”, como pequenos países e suas fronteiras, trabalhando pela integração de estruturas e criação de uma gestão compartilhada. Atualmente são cinco condomínios implantados e quatro *campi* buscando integração de estruturas. O “caldo” formado pelas múltiplas instituições e empreendimentos, assemelha-se à realidade e diversidade de culturas internacionais, sem deixar de considerar as múltiplas visões e tendências de gestão, requerendo debates e consensos.

7. A Cognópolis, como bairro e estrutura social, ambiental e urbanística vai, até certo ponto, além dos estudos intraconscientes quando resgata na história do planeta, a vivência de uma comunidade-berço tanto do conhecimento humano quanto da gênese da formação das cidades como conhecemos hoje, a polis grega. Numa edição revisada e ampliada, a nova polis contemporânea reedita a democracia direta, de modo ainda mais abrangente e busca em sua espacialidade tangibilizar espaços promotores da interação e convivialidade sadia.

8. O planeta requer laboratórios-piloto de sustentabilidade, de um novo perfil de conduta humana, que seja plasmado em pequena escala um novo estilo de desenvolvimento factível, que possa ser aplicado em larga escala e mostre que a *conta* dos recursos disponíveis e de cidadãos no mundo, definitivamente *comece a fechar*.

9. Além dos aspectos supracitados, as cognópolis quando instaladas pelo mundo afora, poderão formar tal qual rede de hospitais existentes no intrafísico, uma poderosa rede interassistencial multidimensional, inevitavelmente tornando-se protagonista e formadora de opinião nas diversas áreas do conhecimento.

Chama atenção neste caso, uma sincronicidade que elucida o ponto 6 supracitado. Em diversas matérias divulgadas na mídia recentemente, o presidente da República Tcheca, Vaclav Klaus, demonstrava resistência em assinar o Tratado de Lisboa², que segundo ele, traria problemas à soberania, à cultura e à identidade do povo tcheco. Durante o *Summit* Financeiro da Cognópolis, em novembro de 2009, uma das questões levantadas como entrave para a integração de estruturas da Cognópolis, era se a identidade, o *materpensene*, a cultura da IC – Instituição Conscienciocêntrica seriam preservados, caso fossem criados *back offices*³. A preocupação é legítima quando busca preservar o *materpensene* ou especialidade, mas perde a legitimidade quando se torna uma barreira à integração que parece ser o melhor para a Cognópolis. Com isso, pode-se perceber que o elemento-entrave para derrubar fronteiras não é algo existente na esfera dos estados nacionais, mas do ego humano.

Visando aprofundar um pouco mais o paralelo entre a Cognópolis e uma pretensa célula do Estado Mundial, eis, 3 variáveis – similitudes entre a Cognópolis e estados nacionais, dispostas em ordem crescente:

1. **Fronteira.** As fronteiras que separam países, talvez na Cognópolis, e as mais fáceis de perceber, são os muros, as cercas e outras barreiras físicas.

2. **Cultura.** Cada agrupamento da Cognópolis possui afinidade, *materpensene* e, conseqüentemente, nuances paradigmáticas de como as coisas deveriam funcionar. Aqui entra a identidade citada no *case* da República Tcheca.

3. **Países.** O Estado Mundial é reunião de países, a Cognópolis é reunião de instituições, empresas e condomínios em um mesmo território.

Neste trabalho deu-se maior ênfase à sustentabilidade socioespacial, mas vale ressaltar as dimensões da sustentabilidade propostas por Sachs (2000), acrescidas da abordagem conscienciológica e trazendo questionamentos para reflexão acerca do nível de sustentabilidade na CCCI:

A. **Sustentabilidade ecológica:** como está a sustentabilidade dos *campi* da Conscienciológica? Emissões de carbono, tratamento de esgotos, trato com resíduos sólidos, consumo de energia e recursos? Como está o nível de utilização e aspersão de agrotóxicos nas propriedades privadas (agriculturas)?

B. **Sustentabilidade social:** como se dá a interação dos *campi* com a comunidade de entorno? Há entrosamento pacífico? Voluntários das ICs sentem-se a vontade para assumir sua identidade pesquisística conscienciológica para seus alunos ou professores da universidade ou mesmo colegas de trabalho na sociedade convencional?

C. **Sustentabilidade territorial:** como está a geopolítica das Cognópolis? O tamanho da área física é adequada? Faltam espaços ou há ociosidade territorial? Como os cognopolitas lidam com seu território?

D. **Sustentabilidade econômica:** a IC é sustentável? Seus recursos são aplicados na pesquisa do seu *materpensene*? Quais tem sido os frutos (*gescons*) da IC?

E. **Sustentabilidade científica:** as *gescons* produzidas geraram resultados? Há verpons justificando investimentos? Quais ideias originais já estão catalogadas? Quantos laboratórios estão em funcionamento e sendo utilizados?

F. **Sustentabilidade cultural:** Qual é a cultura predominante na IC? Há lazer e entretenimento? Há intercâmbio de ideias e energias? Como está o nível de amizade entre os voluntários? Há harmonia ou pseudo-harmonia?

G. **Sustentabilidade política:** Existe uma gestão democrática? Como estão os líderes da CCCI?

H. **Sustentabilidade energética:** Como é para o voluntário o “permanecer” na IC? O ambiente é agradável? Como está a aplicação do trinômio acolhimento-orientação-encaminhamento?

I. **Sustentabilidade conscienciométrica:** já é possível a convivência de díspares níveis conscienciométricos na Cognópolis ou ainda predomina uma faixa média, de afinidade e difícil permeabilidade – para mais ou para menos?

Quando se aborda essa impermeabilidade, logo se pensa: será que o atual grupo evolutivo já possui condições de acolher consréus? Porém, o outro *lado da moeda* também dever ser questionado: existe a disposição deste grupo evolutivo para conviver com consciências explicitamente mais evoluídas? A sustentabilidade conscienciométrica aqui proposta é o ato ou efeito do grupo conseguir manter o equilíbrio sadio, superavitário evolutivamente para todos e todas, seja com o acolhimento de uma consréu ou de um evolucionário, no cotidiano das tarefas da Cognópolis.

3. A ÁGORA GREGA

A Ágora Grega era uma mistura de feira ou mercado e local de encontro, de trocar ideias e fazer reuniões. Era o local onde se manifestava o espírito público da polis democrática. Era no entorno da Ágora que estavam dispostos os prédios públicos.

Segundo Souza (2003), ágora vem do verbo ageiro, que significa juntar, reunir, e a própria palavra ágora significava, originalmente, reunião, e era utilizada para referir-se à reunião de tropas militares. A maior e mais significativa ágora clássica foi a Ágora de Atenas, por ter sido também emblemática e ter influenciado outras ágoras da época. Por sua complexidade, no caso de Atenas, mais do que qualquer outra pólis, pode-se empregar a expressão “complexo da ágora”, devido à grande quantidade de edifícios públicos e marcos paisagísticos. Ao longo dos séculos, a quantidade de edifícios e a própria complexidade do funcionamento da Ágora aumentou consideravelmente.

Lewis Mumford (2008), em sua obra *A Cidade na História*, traz uma descrição do poeta grego do século IV, Eubolo: “*Vereis que tudo é vendido junto no mesmo lugar em Atenas: figos, testemunhas para atender a convocações, cachos de uvas, nabos, peras, maçãs, fornecedores de provas, rosas, nêspersas, sopas, favos de mel, ervilhas, processos legais... máquinas de demarcação, íris, lâmpadas, clepsidras, leis, denúncias.*” Mumford coloca que um camponês podia, com seu burrico, ou gozar a pausa de um filósofo, como Platão deve tantas vezes ter pausado, como para ver um oleiro ou carpinteiro trabalhar em seu ofício.

A descrição de Eubolo mostra a diversidade e vitalidade da cena pública que o espaço urbano da época proporcionava. Ainda segundo Mumford, essa função social do espaço aberto persistiu nos países latinos: *plaza, campo, piazza, grand-place* dentre outras denominações, eram continuações inspiradas no complexo da ágora, que incluía construções as mais variadas: templos, altares, um púlpito para oradores, monumentos, a cadeia e vários edifícios públicos, como o *metroon* (arquivo), o *boule-terion* (prédio de reuniões do “Conselho dos Quinhentos”) e o *Tholos* ou *Prytaneion* (prédio onde se reuniam e trabalhavam os cinquenta “prítanes”, que eram uma espécie de comissão executiva da *boulé*), entre outros. O complexo da ágora era de fato a sede de edifícios administrativos e judiciários; englobava, além disso, um local de mercado, e de encenação de espetáculos teatrais. Esta função cultural da Ágora migra, em grande parte, com a inauguração do Teatro de Dionísio. A Ágora também servia de reunião da assembleia de cidadãos, a *ekklesia*, até que, devido ao crescimento da pólis, passou-se a utilizar uma suave encosta de uma colina próxima, a Pnyx. Com isso, as duas instituições mais importantes da democracia grega ateniense, enquanto uma espécie de matriz, eram a *boulé* e a *ekklesia*.

Figura 1. A Ágora de Atenas em 400 a.e.c.



3.1 A BOULÉ

A *boulé* ateniense era o “Conselho dos Quinhentos”. Este número era relativo aos cinquenta representantes de cada uma das dez tribos. O Conselho dos Quinhentos da Atenas democrática tinha a missão de *preparar o terreno*, operacionalmente, para as decisões que seriam tomadas, em caráter definitivo, pela *ekklesia*, que era a instância final decisória – o povo.

A criação da *boulé* se deu com bases oligárquicas para tomada de decisões. Com a instalação da democracia, esta instância passa a organizar a pauta de debates e encaminhamento de políticas, projetos de lei e propostas diversas para votação na *ekklesia*. Vale ressaltar que a cidade aristocrática que precedeu a *boulé* também possuía a *boulé* e a *ekklesia*, sendo aparentemente iguais, mas com atribuições diferentes.

Com o advento da democracia, segundo Souza (2006), amplos setores foram integrados à plena cidadania (com exceção dos estrangeiros – *metecos*, as mulheres e os escravos). Qualquer cidadão maior de trinta anos poderia ser escolhido (por sorteio) para integrar a *boulé*, com um mandato de um ano de duração. Ainda segundo Souza (2006) o prédio que abrigava a *boulé* era o *bouleterion*.

Em Atenas, o *bouleterion* foi construído em fins do século VI a.e.c. e ficava no lado oeste da ágora. Foi durante o período de Clístenes, considerado o marco inicial da democracia propriamente dita. O velho *bouleterion* era uma antecâmara retangular e um salão-plenário retangular com capacidade para setecentas pessoas aproximadamente. O novo *bouleterion*, já no final do Séc. V, foi construído em formato semicircular, com bancos de madeira em torno de um palco central em uma construção de pedra.

3.2 A EKKLESÍÁ

A Ekklesia ou assembleia do povo ou dos cidadãos era a instância decisória principal e definitiva da pólis democrática. Em virtude do crescimento de Atenas, inúmeras intervenções se fizeram necessárias para abrigar os participantes. Na colina de Pnyx, após duas grandes intervenções, o ekklesiasterion – como era chamado o local das votações – chegou a abrigar 15 mil pessoas.

3.3 O *PRYTANEION*

Como o funcionamento da *boulé* e *ekklesia* era regulado pelo Conselho dos 500, e o mesmo não poderia ficar reunido ininterruptamente, os problemas ordinários eram resolvidos pelos *prítanes*, ou comissão executiva da *boulé*. O *prytaneion* era um edifício redondo – no caso ateniense – e era vizinho do *bouleterion*. Assim como a *boulé*, preparava o terreno para as decisões da *ekklesia*.

A criação do *prytaneion* deu-se também pela dificuldade de reunir o Conselho dos 500 para problemas de rotina. Era necessário uma comissão permanente ou comitê diretor para agilizar os trabalhos do cotidiano. Porém, ao aplicar o princípio democrático, cada tribo poderia sortear um representante para participar, durante um décimo do ano, da pritania. Desta forma evitava-se que os chefes fossem sempre as mesmas pessoas.

3.4 A ESPACIALIDADE

Uma característica básica da produção de espaços na cidade-estado grega, foi a de buscar adequar sua espacialidade à cultura da democracia e da participação popular no cotidiano da gestão comum. Havia a preocupação de criar, adequar e produzir novas formas espaciais e urbanas para acolherem as funções públicas da vida democrática. Não é por acaso que os gregos tinham predileção pelas formas circulares ou semicirculares, em forma de anfiteatro.

Um dos aspectos ressaltados pelos historiadores da Grécia antiga, é que a pólis não era a cidade enquanto um conjunto de edifícios e ruas que pode ser estudado através de maquete, por exemplo. A polis era, sim, o espaço político do território ateniense, tendo Atenas em seu centro urbano. Com isso, resgatar uma Ágora não significa reconstruir um espaço físico mas um espaço político. A cópia a ser feita, e isso é uma cultura a ser instalada, é a reconstrução de laços de convivialidade fraterna, de diluição do poder e participação nas decisões de temas comuns.

Com esta referência instalada, visitantes poderão ter uma referência do que de fato é uma democracia direta, não pelos edifícios mas pelo *holopensesene*. Pelo que vemos dos mais diversos autores, o cidadão ateniense tinha prazer de pertencer à pólis, ao ambiente. Isto não vem apenas de edificações, mas da ambiência⁴ formada também pelos laços de amizade e convívio. Às edificações cabia o papel de coadjuvante da cena urbana ateniense.

A reforma de Clístenes em 510 a.e.c. foi uma reforma sócio-espacial profunda e que preparou *o terreno*, segundo Souza (2006), para o florescimento da democracia ateniense. A espacialidade urbana, segundo a psicologia ambiental – outra linha a ser estudada na instalação da polis – influencia o indivíduo, assim como o indivíduo influencia o ambiente. Um projeto do lugar é a soma do *recheio* e da *casca*: pessoa e ambiente que formam o ambiente *animado*.

4. A ÁGORA COGNOPOLITA

A instalação da Ágora Cognopolita busca implantar os princípios básicos da Ágora grega. Tais princípios, aqui expressos como atividades / construções justificam a proposta da Ágora como elemento chave da Cognópolis enquanto *balão de ensaio* ou laboratório parapolítico e paradireitológico da célula do Estado Mundial. Eis seis características, dispostos em ordem alfabética, dessa Ágora:

1. **Ambiência.** A Ágora Cognopolita importa o formato do anfiteatro grego para o Conselho dos 500, emoldurando sua estrutura com uma reedição da antiga *stoa* grega⁵, aqui, em formato circular. Na área central da Ágora localiza-se o piso seco para a realização da feira.

2. **Atividades artísticas e culturais.** A realização de atividades culturais, Congraçamento das ICs, feiras de adoção de animais, campanhas visando angariar recursos e mantimentos através da ONG ABC – Associação Beneficente da Cognópolis e atividades da Associação de Moradores do Bairro Cognópolis compõem o alicerce de uma convivialidade sadia, promotora do lazer, entretenimento e desrepressão da Cognópolis.

3. **Democracia Direta.** Como espaço principal da Ágora está o anfiteatro do Conselho dos 500, reedição do *bouleterion*. Para as dimensões da Cognópolis Foz, não se justifica a reedição das três esferas: *boulé*, *ekklesia* e *prytaneion*. Para efetivar a democracia direta na Cognópolis, está em funcionamento o Conselho dos 500, onde participam todos os cognopolitas (similar à *ekklesia*) e uma comissão gestora deste conselho, com o intuito de organizar o funcionamento do conselho, gerenciar a pauta, lavrar as atas, entre outras atribuições. O anfiteatro do Conselho dos 500 deverá atender às diversas atividades pedagógicas, culturais e artísticas.

4. **Feira.** A Ágora Cognopolita terá espaço para uma feira livre periódica, para a qual a comunidade interna ou externa ao bairro Cognópolis, será atraída para comprar ou vender produtos orgânicos, ecológicos e provenientes da própria região. A feira será aberta à sociedade ao modo do restaurante do CEAEC, do *Tertuliarium*, da Holoteca e do Holociclo. A feira aumentará o senso de pertencimento dos usuários da Cognópolis, pois irá gerar oportunidades de negócios, ampliar a interface com a sociedade, o que tende a aumentar a segurança da Cognópolis no momento em que vira um espaço “defendido” pelos seus usuários. Laços de amizade da Cognópolis com a cidade tendem a fortalecer a Cognópolis.

5. **Gestão.** A proposta da Ágora Cognopolita inclui a ideia clássica de colocar em seu entorno os prédios públicos com caráter de gestão coletiva ou voltados para a coletividade cognopolita: UNICIN, Polo *Discernimentum*, AIEC, ONG ABC, Associação de Moradores da Cognópolis, e possíveis outras ICs ou ECs relacionadas à gestão da Cognópolis.

6. **Paisagismo.** O projeto da Ágora Cognopolita deverá prever espécies vegetais e desenho distributivo coerente com a proposta da “praça cívica”, com a participação de espécies nativas e espécies exóticas, como o cipreste em torno das principais alamedas.

Com isso vemos que o sucesso da nova Ágora contemporânea na Cognópolis, virá: do fortalecimento do Conselho dos 500 e da consequente diluição do poder e crescimento do espírito democrático; da ampliação dos laços com a comunidade de entorno – tendo a feira e os eventos culturais seus maiores incentivos; do convívio e da proximidade entre as novas lideranças, onde a Ágora e seus novos prédios públicos formam o palco da gestão cognopolita; e, também de todas essas atividades juntas, em sinergia.

CONCLUSÃO

Para os pesquisadores da neociência Conscienciologia fica uma proposta de reflexão: estamos envolvidos em uma ciência para o estudo sistemático da evolução consciencial e também da pragmática na construção de uma comunidade avançada. É possível estudar a evolutividade humana deslocada ou dissociada dos novos paradigmas socioeconômicos, ambientais, tecnológicos, urbanísticos entre outros? A humanidade caminha com suas verdades relativas de ponta fornecidas pela ciência eletrônica.

Caberia à Conscienciologia e seus especialistas aplicar o paradigma consciencial no sentido de auxiliar no *upgrade* das diversas áreas científicas? Quando o assunto é Politicologia, como o aqui exposto, fica evidente que o Paradireito e a Parapoliticologia, sob a égide da abordagem cosmoética e universalista, têm muito a oferecer e contribuir para o debate convencional.

Concluindo esta reflexão, importa-se aqui a conclusão de Souza (2006, p. 586-587), em seu livro *A Prisão e a Ágora*:

... a experiência do “socialismo real”, de 1917 ao começo da década de 90, finalmente acabou, e não se deve prantear uma farsa. Quanto a isso há um generalizado acordo. O que muitos ainda não estão preparados para aceitar plenamente é que o próprio edifício intelectual do marxismo entrou em crise de legitimação, e que essa crise também não deve ser muito lamentada. Sobre isso, infelizmente, não há ainda qualquer consenso, e a maioria da intelectualidade crítica e dos militantes de movimentos sociais contemporâneos ainda tem enorme dificuldade em encarar o desafio corajosa e lucidamente proposto por Castoriadis: “permanecer marxista ou permanecer revolucionário”. (...) o que se rejeita [do marxismo], em face das lacunas, das insuficiências, dos equívocos e das contradições do próprio legado marxiano, e não somente de um certo bode expiatório conhecido por “marxismo ortodoxo”, é o marxismo como referência epistemológica, teórica e politicamente organizadora. (...) torna-se imperativo, para evitar novas decepções e esparrelas, *reinventar* o projeto revolucionário. Estratégias novas precisam ser debatidas, linguagens inovadoras precisam ser adotadas, o pensamento utópico precisa ser reconstruído.

É evidente o vazio atual no tocante às soluções disponíveis para os problemas aqui levantados, sejam sociais, econômicos ou ambientais. Os modelos capitalista e socialista, por maneiras diferentes, faliram. Os entusiastas do neoliberalismo discordam, evidentemente, porém admitem que o planeta esteja exaurindo. Com um mínimo de reflexão, concordarão que, por dedução lógica, o modelo neoliberal como se apresenta hoje, não funciona. Sendo assim, o marasmo e o conformismo atuais formam o campo propício para novas propostas. Finaliza Souza (2006, p. 592), seu estudo sobre prisões e ágoras:

(...) fica a pergunta derradeira, para todos aqueles envolvidos com o estudo, o planejamento e a gestão das cidades: com o que vai se querer colaborar – com a legitimação e a produção das “prisões” (...) ou com a construção de novas “ágoras” e de um mundo que as torne possíveis? (...)

A nova Cognópolis aqui proposta enquanto célula do Estado Mundial, vem oferecer a nova Ágora como sendo uma alternativa não apenas para a resolução de um problema socioeconômico-ambiental, mas para ser um resgate de um ponto inicial deste planeta, quando no lançamento da filosofia e da democracia, desta vez estruturados em um paradigma mais abrangente, o paradigma consciencial. Se a Cognópolis é uma célula do Estado Mundial, pode-se afirmar que uma cultura de coletividade com democracia pura é o DNA deste Estado Mundial, onde todos os cidadãos têm voz e participam das decisões de seu futuro, colocando o direito da coletividade como prioridade ao direito individual.

A coerência encontrada no paradigma consciencial para responder às cinco perguntas clássicas da filosofia: “quem sou, o que sou, de onde vim, para onde vou e o que estou fazendo aqui?” pode e deve ser utilizada também para buscar responder perguntas atuais de nossa sociedade, relativas a todos os temas onde houver especialidades da Conscienciologia já em andamento.

NOTAS

1. **Pegada Ecológica.** A Pegada Ecológica de um país, de uma cidade ou de uma pessoa, corresponde ao tamanho das áreas produtivas de terra e de mar, necessárias para gerar produtos, bens e serviços que sustentam seus estilos de vida. Em outras palavras, trata-se de traduzir, em hectares (ha), a extensão de território que uma pessoa ou toda uma sociedade “utiliza”, em média, para se sustentar. Fonte: WWF Brasil.

2. **Tratado de Lisboa.** O Tratado de Lisboa é um documento assinado pelos 27 estados-membros da União Europeia (UE), depois de seis anos de debates. É o mais recente de uma série de tratados que atualizam e consolidam a base jurídica do bloco. Pode-se dizer que o Tratado de Lisboa visa ampliar a coesão da comunidade europeia, tornando o bloco mais democrático, com maior eficiência e transparência. Temas como segurança energética, sustentabilidade e questões climáticas entram no escopo do tratado.

3. **Back Office.** Escritório de serviços “por trás” do serviço principal, ou seja, os serviços necessários para que o escritório possa oferecer seus serviços principais. A proposta discutida na época era de criar *back offices* das atividades-meio das ICs visando integrar estruturas redundantes nas ICs e proporcionar às ICs o megafoco em seus materspenses.

4. **Ambiência.** A palavra ambiência vem sendo comumente utilizada em estudos da Psicologia Ambiental para designar o espaço físico animado, ou seja, dá-se ênfase não apenas ao projeto arquitetônico ou à construção, mas ao indivíduo que é influenciado ou influencia este espaço. É também o conjunto de condições sociais, culturais, morais etc. que cercam uma pessoa e nela podem influir.

5. **Stoa.** Elemento arquitetônico, difundido na época clássica, que consistia de um corredor ou pórtico coberto, comumente destinado ao uso público. Normalmente as *stoas* eram abertas na entrada e possuíam colunas ladeando todo o edifício. As *stoas* possuíam uma atmosfera acolhedora e protegida, eram abertas ao público, costumavam abrigar mercadores com seus produtos, artistas expunham suas obras e também acontecia tertúlias com filósofos. As *stoas* ficavam geralmente ao redor das Ágoras.

REFERÊNCIAS

1. Espaço Acadêmico; *Sobre o Indivíduo e o Individualismo*; disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/082/82praxedes.htm>>; acesso em: 11.04.2011.
2. Fromm, E.; *Ter ou Ser; Guanabara*; Rio de Janeiro, RJ; 1976.
3. Global Footprint Network; *Advancing The Science for Sustainability*; Footprint Calculator; disponível em: <<http://www.footprintnetwork.org/en/index.php/GFN/page/calculators/>>; acesso em: 26.04.2011.
4. Sachs, Ignacy; *Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável; Garamond*; Rio de Janeiro, RJ; 2000.
5. Souza, Marcelo L.; *A Prisão e a Ágora: Reflexões em Torno da Democratização do Planejamento e da Gestão das Cidades*; Bertrand Brasil; Rio de Janeiro, RJ; 2006; páginas 592, 586 a 587.
6. Vieira, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciologia*; 6 CD-ROM; 1.820 Verbetes; 7.200 páginas; 300 Especialidades; 6ª Ed. Protótipo rev. e aum.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); & Associação Internacional Editores; Foz do Iguaçu, PR; 2006; páginas 541-543; 544-547; 625; 677-680; 1.577; 1.934; 2.035-2.039; 2.076-2.079; 2.453-2.457; 2.569; 2.730; 3.428; 3.458-3.460; 3.477; 3.713; 3.458-3.460; 3.484-3.488; 3.696-3.698; 3.712-3.715; 3.802-3.805; 4.190-4.193; 4.209; 5.148-5.152; 5.992-5.995; 5.336; 5.716; 5.821; 5.962-5.963; 6.479-6.482; 6.503; 6.817-6.819; 6.820-6.823; 7.079-7.082; 7.123-7.126.
7. WWF Brasil; *Pegada Ecológica Global (Estudos mostram que Desde os Anos 80 a Demanda da População Mundial de Recursos Naturais é Maior do que a Capacidade do Planeta em renová-los)*; disponível em: <http://m.wwf.org.br/natureza_brasileira/especiais/pegada_ecologica/pegada_ecologica_global/>; acesso em: 27.04.2011.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. Arendt, Hannah; *A Condição Humana; Forense Universitária*; Rio de Janeiro, RJ; 1999.
2. Coulanges, Fustel; *A Cidade Antiga; Martins Fontes*; São Paulo, SP; 2004.

3. **Dias**, Genebaldo; *Pegada Ecológica e Sustentabilidade Humana; Gaia*; São Paulo, SP; 2002.
4. **Guimarães**, M.; *Sustentabilidade e Educação Ambiental*; In: Cunha, Sandra; Guerra, Antonio (Orgs.); *A Questão Ambiental / Diferentes Abordagens*; Bertrand Brasil; Rio de Janeiro, RJ; 2003.
5. **Jacobs**, Jane; *Morte e Vida de Grandes Cidades*; Martins Fontes; São Paulo, SP; 2001.
6. **Munford**, Lewis; *A Cidade na História*; Martins Fontes; São Paulo, SP; 2008.

